

# Breves considerações sobre os caminhos da umbanda

**Bruno Rodrigues Pimentel**

Graduando em História - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
bruno\_lpn@hotmail.com

**Fillipe dos Santos Portugal**

Graduando em História - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
fillipe\_portugal@hotmail.com

Temos como objetivo neste trabalho, expor algumas das principais características dos cultos que contribuíram para a formação da Umbanda, culto que algumas pessoas desconhecem os preceitos, essência e complexidade. Para discorrer sobre a origem da Umbanda ou das Umbandas, tendo em vista suas diferentes linhas, optamos expor primeiramente os aspectos sincréticos desse culto. Daremos importância também ao processo de institucionalização da Umbanda e abordaremos o mito de sua fundação. Vamos expor como teria sido iniciado o culto umbandista e discorreremos sobre a real importância de Zélio Fernandino de Moraes para a institucionalização da Umbanda Branca.

**Palavras-chaves:** Religião; Sincretismo; Umbanda.

## 1- Introdução

Para discorrermos sobre o culto umbandista achamos necessário voltar ao período colonial, na medida em que os negros que foram trazidos na condição de escravos, a partir desse período, contribuíram fundamentalmente com a sua cultura para a formação do candomblé, que, por sua vez, contribuiu para a formação do culto umbandista, juntamente com os preceitos católicos, a filosofia Kardecista.

Como sabemos, os negros que foram trazidos para o Brasil na condição de escravos vieram das mais diversas regiões do continente africano no decorrer de três séculos, tendo em vista que o tráfico de negros para o Brasil teve início no final do século XVI. Este fato explica o motivo deles possuírem distintas tradições de parentesco\_ quando possuíam, diferentes tradições religiosas, sistemas econômicos, linguagens e mitos. Deste modo podemos afirmar que o tráfico negreiro reduziu pessoas que exerciam as mais distintas funções e que possuíam distintos 'status' sociais a um único denominador: a escravidão.

## 2- Religiosidade Afro-Brasileira

Distintas etnias eram trazidas para o Brasil e costumava-se classificar os escravos de acordo com a localidade dos portos que embarcavam no continente africano. Entre os vários grupos étnicos que eram trazidos sobressaiam-se dois grupos: os sudaneses (iorubás ou nagôs, jejes e fanti-achantis) e os bantos.

Os bantos, de modo geral, baseavam as suas religiões e crenças no culto aos antepassados e, de acordo com José Guilherme Magnani no livro intitulado “*Umbanda*”

“... as religiões das nações bantos, ao contrário [das religiões das outras nações], foram mais permeáveis ao influxo de outros cultos e, em primeiro lugar, dos próprios ritos nagôs e jejes. Destes, adotam não apenas a panteão- fazendo novas correspondências-, como também a estrutura das cerimônias e os ritos de iniciação. Em contato com populações indígenas e mestiças nas zonas rurais e no sertão, sofreram também a influência de cultos como a pajelança e o catimbó.”<sup>1</sup>

Como foi dito na citação acima, o culto dos bantos foi mais permeável que o das outras nações, além disso, o tráfico negreiro e o sistema escravista inviabilizou o culto aos antepassados, característico deste grupo, na medida em que houve o desagregamento dos grupos de parentescos. Sendo assim, a relação existente entre os deuses e as suas respectivas linhagens, haviam sido perdidas e, talvez, por isso o culto aos diferentes deuses que representavam as atividades humanas ou as forças e os elementos da natureza, em outras palavras o culto aos Orixás, cresceu em sua importância entre as diferentes nações, que aqui estavam, prevalecendo a religião dos grupos sudaneses. Deste modo:

Se Ogum, por exemplo, não podia ser objeto de culto enquanto ancestral de uma linhagem, será venerado em sua qualidade de orixá guerreiro, senhor do ferro e patrono das atividades ligadas a esse metal. Mais ainda, se também não é possível a existência de um grupo de iniciados dedicado exclusivamente a ele e a cada orixá individualmente, os novos lugares de culto, no Brasil, renderão homenagem a vários deles de forma coletiva.<sup>2</sup>

Os sudaneses, que englobavam grupos oriundos da África Ocidental e áreas que hoje são chamadas de Nigéria, Benin e Togo<sup>3</sup> é constituído, entre

<sup>1</sup> MAGNANI, 1991:17.

<sup>2</sup> MAGNANI, 1991:16-17.

<sup>3</sup>Ver a obra “*Os Orixás*” ou “*Orishas*” de Pierre Verger, pois nela este autor se propõe a expor e narrar aspectos do culto aos orixás, deuses dos Iorubás ou nagôs, tanto no seu lugar de origem quanto em regiões do Brasil e das Antilhas, ou seja, em lugares para onde os seus praticantes originários foram levados a séculos atrás na condição de escravos. Além disto, Verger discorre sobre a incorporação de práticas de outros cultos ao culto aos orixás.

outros, pelos iorubás ou nagôs, pelos jejes e pelos fanti-achantis. Entre esses também vieram algumas nações que eram islamizadas. A entrada desse grupo no Brasil ocorreu, sobretudo, no período que vai do final do século XVII até o meado do século XIX.

As manifestações realizadas por esses grupos como: danças, cantos, músicas acompanhadas por instrumentos de percussão, invocação de espíritos, adivinhação e curas mágicas, eram comumente chamadas calundu, tucajé e batuque, fato que perdurou até o século XVIII de acordo com Vagner Gonçalves da Silva.

Esses cultos englobavam uma grande diversidade de cerimônias que se misturavam com superstições vindas da Europa juntamente com os elementos africanos e católicos. É importante ressaltar que esses cultos se realizavam nos ambientes rurais limitando-se a fazendas, matas, roças e terreiros distantes do meio urbano. Porém, o crescimento das cidades e o constante aumento do número de negros libertos, escravos de ganhos e fugidos, gerou o ambiente propício para o desenvolvimento desses cultos não oficiais que passaram a ser realizados em locais mais reservados dentro das cidades.<sup>4</sup>

Em meio a esse contexto surgem os primeiros terreiros de candomblé. Segundo Etienne Sales de Oliveira o primeiro terreiro de candomblé no Brasil foi fundado em 1830 e se chamava Casa Branca do Engenho Velho, localizado na cidade de Salvador- Bahia.<sup>5</sup> No entanto Pierre Verger demonstra a grande complexidade de expor onde foi fundado o primeiro terreiro, pois existem divergências nos relatos sobre o assunto e, além disso, pelo fato dos cultos ainda serem proibidos no início do século XIX, eles tinham um caráter clandestinos e eram realizados de forma sigilosa para não sofrer perseguições das autoridades. Sendo assim, não se pode definir ao certo qual foi o primeiro terreiro que se realizaram as práticas do Candomblé.

O candomblé tem sua organização pautada através das famílias-de-santo, ou seja, são estabelecidos vínculos embasados em laços de parentesco religioso. A princípio essas “famílias” eram formadas a partir de negros de uma mesma etnia, porém com o passar do tempo ocorreu a entrada de negros de outras etnias, além de indígenas e brancos. Este fato resultou em mudanças neste culto, na medida em que foram assimilados elementos de outras práticas

---

<sup>4</sup>Sidney Chaulhoub expõe no artigo “Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio” que muito antes dos anos 1880, escravos, libertos e livres despossuídos representavam a maioria da população urbana, conseqüentemente, essas classes reproduziram na cidade do Rio as suas racionalidades e movimentos, contribuindo para o surgimento do que o autor denomina “teatro dos vícios”. Para retratar esse “teatro”, Sidney Chaulhoub utilizou em sua pesquisa uma série de ocorrências policiais e a partir da leitura dessas fontes documentais buscou interpretar as formas de pensar da sociedade estudada, chegando à conclusão de que este era um cenário privilegiado uma vez que possibilitava a livre circulação dos negros pelas ruas dificultando a identificação da condição social das pessoas de cor e estabelecendo laços de solidariedade entre essas personagens.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, 2007: 27-28.

religiosas, como a pajelança.

Quando o indivíduo se introduz no candomblé ele participa de uma iniciação, onde “... assume um nome religioso (africano) e um compromisso eterno com seu deus pessoal e ao mesmo tempo com o seu pai ou mãe de santo”.<sup>6</sup> Já na África o culto aos Orixás está restrito a sacerdotes ou famílias e a adoração a essas divindades era realizada especificamente em alguns povoados ou região. Por exemplo, um determinado reino cultuava apenas a um orixá específico. Xangô era cultuado em Oyó, mas pelos motivos já explicitados essa modalidade de culto não permaneceu aqui no Brasil, onde em um mesmo terreiro são cultuados vários orixás.

Como sabemos, durante o período colonial e imperial a religião oficial era o catolicismo e, sendo assim, os negros trazidos como escravos eram submetidos a esta religião. Estes, logo que chegavam ao Novo Mundo, eram batizados e recebiam nomes católicos, mas muitos desses escravos não aceitavam a religião que a eles foram imposta e por isso utilizavam de diversas artimanhas para continuar o culto aos seus Orixás. Um grande exemplo de sincretismo por nós conhecidos é o culto aos Orixás através das imagens de santos católicos, associando as características destes as de seus Orixás; e assim, os negros conseguiam manter seus cultos e tradições.

Os terreiros que se formaram no Brasil visavam reproduzir os padrões dos cultos africanos e possuíam uma identidade étnica grupal assim como nos reinos da África. A estrutura religiosa dos povos de língua ioruba foi predominante no século XIX e forneceu os elementos necessários a infraestrutura do candomblé juntamente com as influências de outros cultos. Os dois modelos de culto mais praticado são os ritos jeje-nago (“pureza” de culto) e o angola.

É importante ressaltar que nas primeiras décadas do século XX a visão depreciativa e preconceituosa em relação aos índios, negros e mestiços foi sendo paulatinamente sobreposta por uma postura de dar ênfase nas suas contribuições para a formação da cultura brasileira o que pode ser comprovado por movimentos culturais como a semana de arte moderna. Na pintura, na música, na arte plástica, cada vez mais as tradições dos negros foram tomando espaço e se tornando tema obrigatório para a formação da cultura popular. Nas teorias sociais e nas obras historiográficas as visões preconceituosas foram sendo substituídas por obras que tentavam enaltecer a originalidade do nosso povo em relação ao europeu.

O estudo das manifestações religiosas dos negros tomou um novo impulso, passando a ser estudadas não só pelas elites locais, mas também por pesquisadores estrangeiros como o antropólogo Roger Bastide, que fez uma das análises mais abrangentes sobre os candomblés da Bahia na obra “*O candomblé da Bahia e Religiões africanas do Brasil*”. Em meio a esses diversos

---

<sup>6</sup> SILVA, 1994: 57.

estudos vários artistas e literários se converteram ao candomblé que foi sendo cada vez mais divulgado, com isso a classe média se misturou a classe baixa e estes movimentos sem dúvida contribuíram para a formação da mais popular das religiões afro-brasileiras, a Umbanda.

### 3- Culto umbandista

A Umbanda é uma religião tipicamente brasileira, resultante do sincretismo da religião católica, dos cultos indígenas, da religiosidade africana e dos preceitos Kardecista. Segundo Vagner Gonçalves da Silva o culto Umbandista tem origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas de classe média do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio grande do Sul, começaram a misturar elementos das tradições afro-brasileiras a suas práticas religiosas, além de professar e defender publicamente essa mistura, dando a ela o status de uma nova religião. Muitos dos elementos que formaram a Umbanda já estavam presentes em cultos populares do final do século XIX com a Cabula e a Macumba. A Umbanda cultua as entidades africanas, os caboclos e os santos do catolicismo, que acrescida da filosofia kardecista resultou em uma maior gama de entidades e codificações que a caracteriza.

A contribuição do catolicismo, do espiritismo kardecista e do Candomblé variam de intensidade de terreiro para terreiro, por isso a umbanda é uma religião que possui diferentes ramificações. Algumas dessas ramificações se voltaram mais para a doutrina Kardecistas outras mais para os preceitos católicos entre outros fatores. Mas que nos interessa neste momento é ressaltar a multiplicidade na forma de culto, até por que cada terreiro tem autonomia no desenvolvimento dos seus cultos.

Pra elucidar este fato optamos por expor as mais freqüentes ramificações da Umbanda assim como Etienne Oliveira<sup>7</sup> faz na sua obra já citada, porém daremos ênfase na Umbanda Branca. A Umbanda Popular: possui um intenso sincretismo com os santos católicos associados aos orixás africanos, assim como com a magia negra e feitiçaria. Umbanda Omolokô: a sua prática provém das antigas macumbas cariocas, que existia uma forte mistura entre o culto aos Orixás e os trabalhos relacionados aos guias espirituais. Umbanda Traçada ou Umbandomblé: neste ramo embora haja diferença entre a Umbanda e o Candomblé, ora o sacerdote trabalha com o Candomblé, ora com a Umbanda, em um mesmo local, mas em dias diferenciados. Umbanda esotérica: está ramificação utiliza de preceitos do esoterismo. Umbanda Iniciática: é derivada da Umbanda Exotérica, e possui uma forte influência oriental, dispendo de mantras indianos e rituais místicos. Umbanda de Caboclo: resulta da influência da cultura indígena presente no território brasileiro, tendo seu foco nos guias conhecidos como Cabloco.

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Etienne Sales de. Umbanda de preto velha: A tradição popular de uma religião. São Paulo-SP, editora All Print, 2007.

Umbanda de Preto-Velho: possui influências da cultura africana, possuindo sincretismo com elementos do catolicismo. O comando espiritual dos terreiros fica na mão dos Preto-Velhos.

A Umbanda Branca é fortemente influenciada pelo Espiritismo. O Espiritismo kardecista é uma doutrina filosófica e religiosa criada na França por Allan Kardec. Chegando ao Brasil na segunda metade do século XIX, primeiramente logrou de grande sucesso entre as classes médias e depois entre as outras classes sociais. Essa religião era praticada principalmente por uma parte mais abastada da população que se auto-determinava cristã, e legitimava-se atos como a possessão dos espíritos e fenômenos mágicos por um viés racional.

Todavia, alguns indivíduos eram descontentes com o espiritismo Kardecista devido a uma divergência relativa a uma qualificação moral, cultural e evolutista mais baixa, geralmente, atribuída aos espíritos que, na sua última encarnação, eram de pessoas negras e indígenas. Esses espíritos baixavam nas mesas Kardecistas desde o século XIX e eram sempre tratados como entidades carentes de luz e que no máximo deveriam ser doutrinadas e dispensadas. Esse grupo de pessoas foi responsável pela organização do que seria conhecido como a Umbanda branca que viria a ser o resultado da reorganização de alguns elementos dos cultos de origem negra, como os candomblés nagô e angola, associados as influência de práticas indígenas e a valores morais católicos, e tudo isso emoldurado pela doutrina kardecista, a qual, por sua vez, tem como inspiração idéias hinduístas como os ciclos de reencarnação e a lei do karma, ou da causa e efeito.

Na Umbanda, como já foi dito, os espíritos de negros e indígenas não seriam desprezados como eram no Kardecismo, porém cultuados e valorizados pelas suas mensagens e pelos trabalhos espirituais de curas, abertura de caminho, entre outras coisas. É necessário ressaltar que esse culto, assim como outros, teve a influência dos cultos negros e indígenas, porém o que diferencia ele dos demais é que neste prevalece a postura kardecista, prova disto é o nome dos primeiros lugares de cultos fundados por esse grupo, chamados de Tenda Espírita de Umbanda. Essa ramificação do culto umbandista é conhecida pelo modo de organização mais silencioso, ordeiro, simplificado, podendo até algumas vezes seguir o padrão das mesas kardecistas, mas é necessário ressaltar ainda que este é e continua sendo um tipo específico de umbanda.

É muito difícil e impreciso identificar quando, nas sessões espíritas kardecistas, as entidades africanas e indígenas começaram a baixar. Bruno Faria Rohde mostra na obra intitulada *“Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista”* que o que alguns autores identificam como sendo a origem da Umbanda é um “marco-mito”<sup>8</sup>, ou seja, o fato de que a Umbanda

---

<sup>8</sup>Este mito de fundação da Umbanda é narrado por muitos autores como: Bruno Faria Rhoder e

tenha sido criada ou fundada em 15 de novembro de 1908 quando Zélio Fernandino de Moraes<sup>9</sup> incorporou pela primeira vez numa mesa kardecista o Caboclo das Sete Encruzilhadas, fato incomum, pois geralmente quando havia incorporações nas reuniões kardecistas de espíritos de origem negras ou indígenas, eles eram expulsos por serem considerados espíritos fracos e sem cultura. Durante a incorporação o Caboclo das Sete Encruzilhadas questionou de forma argumentativa o porquê de tais espíritos não poderem se manifestar, e defendeu que esses espíritos poderiam atuar de modo igual aos demais, e concluiu dizendo que no dia seguinte, 16 de novembro de 1908, ele iria baixar novamente às 20 horas na casa de Zélio Fernandino de Moraes onde seria fundado um novo culto onde os caboclos, pretos velhos e os demais espíritos poderiam atuar livremente.

Etiene Oliveira, em sua obra *Umbanda de preto velho: A tradição popular de uma religião*, também expõe toda esse “marco-mito” que se formou para explicar a origem da Umbanda, mas este autor demonstra que Zélio de Moraes foi apenas o institucionalizador deste culto, tendo em vista que ele fundou o primeiro templo institucionalizado de Umbanda, “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade”, que, como demonstra o autor, possui um acentuado sincretismo com o Espiritismo Kardecista e a igreja católica. Oliveira argumenta, embasado em outros autores<sup>10</sup>, que existem evidências de que as práticas desta religião já vinham ocorrendo bem antes de Zélio, pois as manifestações de entidades como pretos-velhos, caboclos, boiadeiros, etc já ocorriam no candomblés de caboclo e nas suas variantes - cabula, macumbas cariocas ...

No momento da institucionalização da umbanda, houve uma preocupação em eleva-la ou até mesmo aproxima-la do espiritismo. Esta aproximação é

[...] algo [...] menos ortodoxo pelo lado doutrinário Espírita e mais voltado a uma prática de caridade, reportando-se a doutrina Espírita quando necessário, retirando dela os pontos de interesse e passando por cima daqueles que poderiam levar a um conflito de doutrina e prática.<sup>11</sup>

Outra marca característica desse período foi a forte presença da cultura católica nacional ou catolicismo popular, pois existia uma adoração a seus

---

Etiene Sales de Oliveira. Esta narrativa varia de autor para autor, porém todas elas dão ênfase a alguns pontos em comum, como: o fato do Caboclo das Sete Encruzilhadas ter baixado em uma mesa kardecista um dia antes de ter fundado o culto umbandista. OLIVEIRA, Etiene Sales de. *Umbanda de preto velho: A tradição popular de uma religião*. São Paulo-SP, editora All Print, 2007. RHODER, Bruno Faria. *Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista*, Revista de Estudos da Religião, março de 2009.

<sup>9</sup>Zélio Fernandino de Moraes nasceu no dia 10 de Abril de 1892, distrito de Neves, município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> Emerson Giumbelli (2002), Renato Ortiz (1978) e Diana Brown (1974).

<sup>11</sup>OLIVEIRA, 2007: 41.

santos, não necessariamente associados aos orixás, e mais explicitamente a Jesus e a Virgem Maria. Nesta forma de Umbanda institucionalizada por Zélio (Umbanda branca) não existe a incorporação dos orixás, pois eles não são vistos como divindades e sim como uma força da natureza. O que ocorre é a incorporação dos guias, conhecidos como caboclos, que baixam na condição de mensageiros de certos orixás.

#### **4- Conclusão**

Mediante ao que foi exposto até então, podemos perceber a forte interação de varias doutrinas na formação do Culto Umbandista. Por isso, no decorrer do artigo, passamos pela contribuição das diferentes nações negras que foram trazidas na condição de escravos, trazendo consigo toda uma diversidade cultural e religiosa. Com o passar do tempo, essas manifestações convergiram com outros cultos resultando em novas práticas religiosas. Por isso no decorrer do trabalho buscamos demonstrar um pouco de como se deu a formação do Candomblé, que por sua vez contribui para a formação da Umbanda. Do mesmo modo fizemos breves considerações sobre a contribuição do catolicismo e da doutrina Kadercista para a Umbanda.

Expomos as especificidades do culto Umbandista e as suas diferentes ramificações tendo em vista que cada tipo dessas diferentes ramificações possui características específicas, mediante maior ou menor influência de determinado culto, crença, religião que contribui para a sua formação.

Por fim falamos da impossibilidade de se precisar o início do culto Umbandista, mediante o fato de diversos cultos possuírem características semelhantes as práticas umbandistas em distintas regiões do país. Não podemos afirmar que Zélio foi o fundador da Umbanda, pois nos faltam fontes concretas para este fim, na medida que os únicos documentos conhecidos que falam da figura de Zélio são posteriores a década de 1960. O mais correto seria dizer que Zélio foi o fundador de uma das muitas ramificações desse. O que se pode afirmar é a sua importância na organização da Umbanda, tendo em vista que ele foi o pioneiro na sua organização institucional e fundador da sua primeira federação.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Lenny Francis. **As ressignificações de Exu dentro da umbanda**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.
- BORGES, Mackely Ribeiro. Gira de escravos na umbanda de Salvador. Congresso da ANPPOM, 15., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Brasília, DF: ANPPOM, 2005. Disponível em: [http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2005/sessao3/mackely\\_borges.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao3/mackely_borges.pdf). Acesso em: 10 jul. 2010.
- CHALHOUB, Sidney. Medo branco de almas negras: escravos libertos e republicanos na cidade do Rio. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 8, n° 16, março de 1988 agosto de 1988, págs 83-105.
- LINHARES, Ronaldo. **Xangô e Inhaçã**. Curitiba: Tríade, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MALANDRINO, Brígida Carla. **Macumba e umbanda: aproximações**. In: Simpósio da Associação Brasileira da História das Religiões, 10., 2008, Assis, SP: Apresentação de Trabalho, GT 9 - Religiões afro-brasileiras e kardecismo. Assis, SP: UNESP, 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/malandrina-brigida.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2010.
- MATTOSO, Katia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- NAXARA, M. R. C. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870-1920)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998. p. 37-108.
- OLIVEIRA, Etiene Sales de. **Umbanda de preto velho: a tradição popular de uma religião**. São Paulo: All Print, 2007.
- OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das macumbas à umbanda: a construção de uma religião brasileira (1908- 1941)**, Dissertação para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História - Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, Rio de Janeiro, 2003.
- PRANDI, Reginaldo; SOUZA, André Ricardo. **Encantaria brasileira: o Livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- RHODER, Bruno Faria. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. **REVER** - Revista de Estudos da Religião do Departamento de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, São Paulo: PUC-SP, Ano

9, mar. 2009. Disponível em:  
<[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2009/t\\_rohde.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.htm)>. Acesso em: 09 out. 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática, 1994.

SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a terra de santa cruz**. São Paulo, editora: Companhia das Letras. 1986.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. São Paulo: EDUSP, 1999.